

Entrevista com **Isadora Severo Garcia** (CRP 05/28520) e **Marcos Antonio Ferreira do Nascimento** (CRP 05/23163), psicólogos do Instituto Promundo.

1) Qual vocês acreditam que seja o papel da Psicologia no enfrentamento à homofobia?

A Psicologia, como saber e prática, tem papel importante, na medida em que pode garantir a legitimidade de um desejo – homossexual – não como desvio ou patologia, mas sim como uma expressão da diversidade humana. A Psicologia deve contribuir para uma reflexão sobre as diferentes formas de expressão da sexualidade humana, desconstruindo estereótipos e preconceitos.

2) Como o CFP se posiciona quanto à forma com que psicólogos devem tratar essas questões?

Em 1999 o CFP criou uma resolução (CFP No.001/99 – 22 de março de 1999) que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Entendemos que o CFP dá suporte aos psicólogos e também à sociedade – ao tornar pública esta resolução -, para o entendimento da diversidade sexual, não como uma doença, distúrbio ou perversão, ou seja, um “problema” a ser tratado, e sim, como uma forma de expressão da diversidade humana que deve ser respeitada, compreendida, acolhida.

3) Que impactos psicológicos o preconceito pode gerar nos homossexuais?

Os impactos psicológicos que o preconceito pode gerar são os mais variados, são muitos. Dificuldade nos relacionamentos afetivos, dificuldade de convivência no espaço da família, falta de cuidado consigo mesmo, baixa auto-estima, entre outros.

4) Como psicólogos podem ajudar homossexuais a enfrentar essas situações?

Legitimando este desejo como uma forma de expressão da diversidade humana. Entendendo que a sexualidade humana é diversa. Desconstruindo um olhar e um discurso de homogeneização dos homossexuais, garantindo a compreensão de que há muitos outros fatores – como raça, idade, contexto social, e outros - que complementam e se somam à forma como cada pessoa vai viver a sua sexualidade, suas relações, o seu estar no mundo.

5) De que outras formas essas pessoas podem enfrentar o preconceito? Qual o papel da família, por exemplo, neste aspecto?

A forma como as pessoas vão enfrentar o preconceito ou como ele vai aparecer, depende também do contexto. Há contextos mais amigáveis para a questão das homossexualidades, outros menos amigáveis. Por exemplo, em uma pesquisa com homens jovens sobre homofobia, realizada na Maré pelo Promundo, os rapazes que se declararam gays afirmaram que percebiam diferenças entre ser gay e morar na Zona Sul ou numa comunidade de baixa renda, onde muitas vezes encontram mais preconceito, resistências, discriminação... A família pode ser ao mesmo tempo uma fonte de conflito ou de suporte. Muitas vezes o preconceito começa na própria família. Outras vezes, quando a família

compreende, acolhe e aceita pode ser um apoio fundamental para lidar com os preconceitos em outros contextos da vida.

6) Como vocês avaliam a propagação na mídia de estereótipos relativos aos homossexuais (através de programas humorísticos, por exemplo)?

De uma maneira geral, os programas humorísticos reproduzem papéis bastante estereotipados. No entanto, as novelas têm cumprido uma função interessante, trazendo à cena a temática. Hoje vemos em quase todas as novelas casais do mesmo sexo, abordando diferentes questões e ganhando cada vez mais destaque nas tramas...

7) No campo acadêmico, como a Psicologia têm se posicionado quanto à diversidade sexual e a homofobia?

A formação dos psicólogos ainda carece de espaço para esta temática. No entanto, já encontramos pesquisas em nível de graduação, mestrado e doutorado que vêm discutindo sobre psicologia, diversidade sexual e homofobia. Dados da plataforma Lattes, por exemplo, mostram o crescente interesse da Psicologia nos temas da diversidade sexual e da homofobia.

8) Enquanto psicólogos, como vocês percebem a aceitação na sociedade atual com relação à diversidade sexual? Fatores como religião e local de moradia influenciam na aceitação ou não dessa diversidade?

Percebemos que há uma maior tolerância na sociedade atual com relação à diversidade sexual. Tolerância, no entanto, difere de aceitação. Neste sentido, fatores como religião e local de moradia influenciam sobremaneira a possibilidade de aceitação da diversidade sexual. Como dissemos anteriormente, há contextos mais e menos amigáveis, as religiões mais tradicionais não aceitam a homossexualidade como uma forma de expressão da diversidade humana.

9) Como as pessoas têm reagido às mudanças em conceitos “tradicionais” como família, casamento, parentalidade, etc...?

Em relação à parentalidade, já houve avanços. Hoje, um casal do mesmo sexo pode conseguir adotar uma criança, ainda que enfrentando alguns desafios. Por outro lado, conceitos “tradicionais” de família e casamento ainda constituem entraves para o processo de garantia e igualdade de direitos.

10) Como vocês avaliam as políticas públicas relativas à promoção da diversidade sexual e ao combate à homofobia? Como elas poderiam ser melhoradas neste sentido?

Entendemos que as políticas públicas que visam ocupar o espaço da escola, da educação, são a melhor maneira de se promover o debate sobre a diversidade sexual, com respeito e igualdade, enfrentando a homofobia. Vemos a necessidade de uma maior capacitação dos professores e educadores, pois a maioria não está preparada para trabalhar estas questões no seu cotidiano.

11) Qual o papel dos movimentos sociais na luta contra a homofobia?

Os movimentos LGBT, feminista, o movimento negro, têm conseguido não apenas trazer, mas manter em pauta a luta por direitos iguais, pelo reconhecimento da diversidade, questionando paradigmas. Somam-se aos movimentos sociais os estudos sobre masculinidades, que têm lançado uma luz sobre a questão do modelo vigente de masculinidade que “determina” como um homem deve ser e deve agir, refutando qualquer coisa que possa colocar sob suspeita sua heterossexualidade. Nesse sentido, a homofobia ganha relevância nesses estudos.